

HISTÓRIA

COM

**RODRIGO
BIONE**

O Papa Paulo III (em latim: Paulus III, em Canino, 29 de fevereiro de 1500 -

Roma, 10 de novembro de 1549), nascido Alessandro Farnese, foi chefe

Igreja Católica e governante dos Estados papais de 13 de outubro de

1549 a morte em 1549. Ele chegou ao trono papal em uma época

sa e com a morte em 1549. O prelo de impressão na Igreja Católica

Reforma e o papado de Paulo III. O Concílio de Trento (1545-1563)

o Concílio de Trento (1545-1563) e as reformas

**A SOCIEDADE DO AÇÚCAR
E A ECONOMIA
COMPLEMENTAR COLONIAL**



CURSO
FERNANDA PESSOA
ONLINE

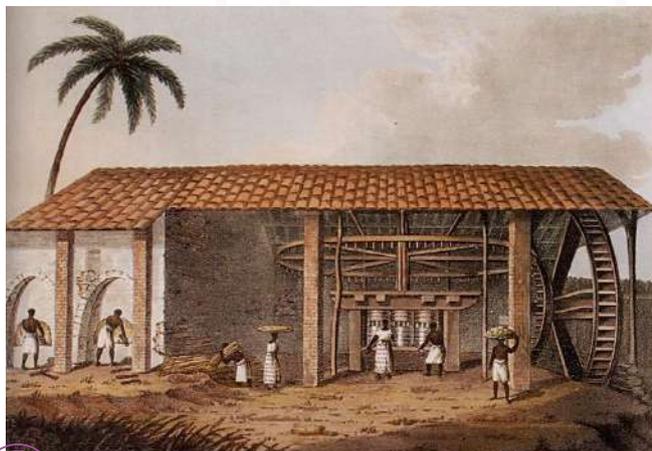
A SOCIEDADE DO AÇÚCAR E A ECONOMIA COMPLEMENTAR COLONIAL

► O Pacto Colonial e o exclusivo comercial metropolitano.

- Sistema de relacionamento advindo do Mercantilismo.
- A Colônia possuía um papel complementar à Metrópole, não podendo assumir a postura de concorrente.

► A maior parte do poder administrativo era exercido diretamente por Portugal, através do Governador-Geral (posteriormente chamados de Vice-Rei) e de instituições portuguesas.

- Existia, contudo, um pouco de poder local nas vilas.
 - Esse poder era exercido através das Câmaras Municipais, composta pelos “homens-bons”.
 - O termo “homem-bom” não passava de um eufemismo para representar homens brancos membros da elite colonial.



Engenho de Açúcar - Henry Koster (1816).

► O sistema de Plantation.

- Latifúndio.

- Monocultura.

- Escravidão.

- Orientação para o Mercado Externo.

► Sociedade patriarcal.

- O “chefe da família” homem tinha enorme poder sobre a esposa, os filhos, os dependentes e os escravizados.

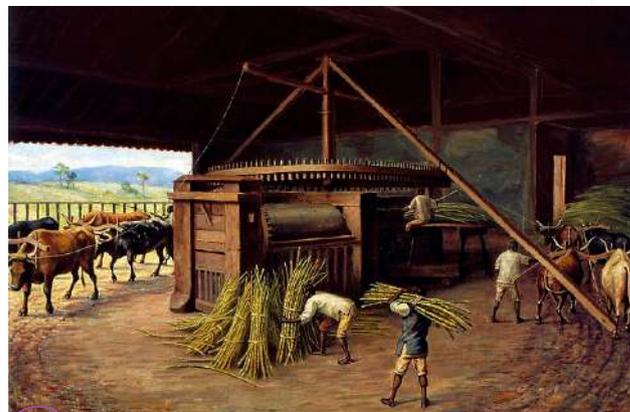
- Modelo de família estendida, onde o chefe da família possuía forte influência sobre parentes, agregados e pessoas da comunidade em geral.

- Os trabalhadores e a população próxima dos engenhos deviam uma obediência filial ao senhor.

► O centro da produção açucareira foi o Nordeste, com destaque para Pernambuco.

- O clima quente e úmido e o solo do tipo massapê presentes no litoral do Nordeste eram adequados para a produção da cana-de-açúcar.

- A maior proximidade em relação à Europa e à África também beneficiou a região nordeste.



Moagem de cana-de-açúcar na Fazenda Cachoeira - Benedito Calixto.

▶ **Não existiam refinarias de açúcar no Brasil.**

- Essa ausência de refinarias fez com que o norte europeu (principalmente a Holanda – Países Baixos) ficasse com boa parte dos lucros do açúcar brasileiro.



Cândido Portinari - Cana de Açúcar (1938).

▶ **A escravidão tornou-se, por si só, um negócio extremamente lucrativo.**

▶ **A economia complementar.**

- As Drogas do Sertão.
 - Guaraná, Urucum, Castanha-do-Pará, etc.
 - Mão de obra principalmente indígena, muitas vezes oriunda de aldeamentos jesuíticos.
 - A base da mão de obra não era a escravidão.
 - Colaborou para a povoação da região amazônica.
- Pecuária.
 - Alimento, tração e transporte.
 - Foi fundamental para o povoamento do interior do Brasil.
 - A mão de obra era essencialmente livre.
- Fumo (Tabaco) e Aguardente.
 - Muito utilizados para o escambo no tráfico de pessoas escravizadas.

TEXTOS AUXILIARES

Antonil sobre a escravidão no Brasil (Cultura e Opulência do Brasil, 1711)

“OS ESCRAVOS são as mãos e os pés do senhor do engenho, porque sem eles no Brasil não é possível fazer, conservar e aumentar fazenda, nem ter engenho corrente.

[...]

E não é fácil coisa decidir se nesta parte são mais remissos os senhores ou as senhoras, pois não falta entre eles e elas quem se deixe governar de mulatos, que não são os melhores, para que se verifique o provérbio que diz: que o Brasil é o inferno dos negros, purgatório dos brancos e paraíso dos mulatos e das mulatas”.

Padre Antônio Vieira compara a situação dos escravizados ao sofrimento vivenciado por Jesus Cristo ("Sermões")

“Em um engenho sois imitadores de Cristo crucificado porque padeceis em um modo muito semelhante o que o mesmo Senhor padeceu na sua cruz e em toda a sua paixão. [...] A paixão de Cristo parte foi de noite sem dormir, parte foi de dia sem descansar, e tais são as vossas noites e os vossos dias. Cristo despido, e vós despidos; Cristo sem comer, e vós famintos; Cristo em tudo maltratado e vós maltratados em tudo. Os ferros, as prisões, os açoites, as chagas, os nomes afrontosos, de tudo isso se compõe a vossa imitação, que, se for acompanhada de paciência, também terá merecimento de martírio”.

Emília Viotti da Costa analisa a questão fundiária como fonte de prestígio ("Da Monarquia à República")

“[...] Os proprietários de engenho tenderam a acumular terra não somente para assegurar o fornecimento de cana para seus engenhos, mas também porque a propriedade da

terra concedia prestígio social”.

Lilia Schwarcz e Heloisa Starling analisam o conceito de nobreza e o repúdio ao trabalho braçal no Brasil colonial ("Brasil: uma biografia")

“O que definia a nobreza no Brasil era o que ela não fazia. Dedicar-se ao trabalho braçal, cuidar de uma loja, atuar como artesão e demais atividades eram coisas para gentios ou cativos. Talvez por isso persista aqui um preconceito contra o trabalho manual, considerado símbolo de atividade inferior e ‘menosprezada’. [...] Melhor ainda, se o capital permitisse, era ser proprietário de engenho e se cercar de um grande número de agregados, parentes e criados. Capital, domínio, autoridade, posse de escravos, dedicação à política, liderança sobre vasta parentela, constituíram-se nas metas desse ideal de nobreza, que dominava a sociedade colonial”.

Lilia Schwarcz e Heloisa Starling sobre o corte e o transporte do açúcar ("Brasil: uma biografia")

“[...] tudo deveria ser eficiente e ligeiro, visto que, passadas 24 horas do corte, o teor de sacarose da cana diminuía sensivelmente.

A cana cortada seguia das lavouras para o engenho, em carros de boi ou em barcos. O uso de barcos era mais vantajoso, pela rapidez, e as terras próximas de rios navegáveis, as mais valorizadas”.

Anotações